

O TRECHO, AS MÃES E OS PAPÉIS

ETNOGRAFIA DE MOVIMENTOS E DURAÇÕES NO NORTE DE GOIÁS

ROBERTA BRANDÃO NOVAES

(GUEDES, ANDRÉ DUMANS. O TRECHO, AS MÃES E OS PAPÉIS. ETNOGRAFIA DE MOVIMENTOS E DURAÇÕES NO NORTE DE GOIÁS. SÃO PAULO: GARAMOND, 2013)

Redigido, inicialmente, como tese de doutorado para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, o livro de Guedes tem como temática centra a *mobilidade* no norte de Goiás, de modo mais específico, na cidade de Minaçu, onde realizou a pesquisa empírica, entre os anos de 2008 e 2009. Tendo chegado ao campo através do Movimento dos Atingidos por Barragens, doravante MAB, e interessado, primeiramente, em estudar a dinâmica local desse movimento, logo o autor percebeu que outros elementos seriam muito significativos para compreender aquele universo social que se dedicaria a pesquisar.

Em virtude de suas *andanças* e caminhos diversos, o “povo pobre” estudado por Guedes – de origens distintas (maranhenses, goianos, mineiros, baianos, etc.), gente *andada e misturada*, quase todos em algum momento envolvidos com o garimpo, *moradores* e *de-moradores* (*de-morar*, nos explica o autor, seria algo menos que *morar*; seria “*demorar-se-aí*”) –, se encontrou em Minaçu. Fruto do seu encontro com esse “povo”, o que “O trecho, as mães e os papéis” procura instigar é a reflexão e o questionamento sobre a ideia (ainda) hegemônica de que o movimento é exceção, a permanência é a regra, e que, portanto, “migrar”, termo, em grande medida, carregado de conotações prévias – implica no recurso último de quem migra.

A própria posição do autor como pesquisador, um homem *lido*, que também anda pelo mundo (não da mesma maneira como seus interlocutores) é colocada em perspectiva, a partir do esquema de percepções por ele construído, no qual a mobilidade e o movimento e as durações que lhes correspondem constituem a “metáfora básica da ordem social”, como sublinha Guedes, citando Viveiros de Castro.

As diferentes trajetórias e histórias apresentadas ao longo do livro, se não podem (e nem se pretende) ser consideradas “típicas”, compartilham elementos e significados comuns: são pensadas como formas de *andar, rodar, estar no mundo* ou no *trecho*. O que Guedes sugere é a existência de uma “tradição” em que o deslocamento e a mobilidade são constitutivos da vida. Essa perspectiva permite uma estimulante reflexão acerca de ambos, rejeitando as explicações que os atribuem unicamente a fatores econômicos imperativos.

Guedes dialoga com uma literatura que faz referência a um certo “nomadismo” existente entre as camadas populares brasileiras, como Otávio Velho, Buarque de Holanda, Antônio Cândido, Carvalho Franco e José de Souza Martins. Desdobrando sua análise nesse sentido, o autor propõe que se leve a sério a ideia de uma “cultura da andança”, de que fala Maria Antonieta Vieira. Essa noção é utilizada por Guedes para pensar a realidade sobre a qual se debruça, e adquire centralidade em seu trabalho. Nessa dimensão, a mobilidade é percebida como algo que possui valor em si mesmo.

Conjugando uma reflexão sobre o modo como as pessoas elaboram a mobilidade com a descrição de contextos socioeconômicos distintos, que permearam a vida de seus interlocutores e que estão presentes na bibliografia sobre a história regional e do Brasil, Guedes argumenta que a ocupação do país rumo ao interior, a partir de meados do século XX, parece ter induzido ou estimulado uma atualização da tradição bandeirante

em direção ao que chama de um “bandeirantismo popular”, ou modalidades “populares” de mobilidade.

Na perspectiva apresentada, a mobilidade, tal como a família (referência a Woortmann), é um valor, fornece um código, um vocabulário, como destaca Guedes, atribuindo sentido ao mundo em que vivem seus interlocutores. Esse vocabulário da mobilidade não informa apenas a mobilidade espacial, mas também as mobilidades social e ocupacional. Outro aspecto fundamental a ser marcado ainda no que se refere à mobilidade como valor e não puramente como imperativo econômico em comparação com a família, é que uma parte do livro (o capítulo 3) se organiza justamente em torno da polarização entre a família e a mobilidade.

Se a mobilidade é o foco central, em torno dela vai-se tecendo uma visão de mundo na qual se adensam as dualidades que, dos pontos de vista teórico e metodológico, dão corpo aos capítulos e ao livro. Horizontalizando a construção analítica e textual, os movimentos foram considerados na sua contraposição às *durações*: ao que *dura* ou é *duro* (o oposto do efêmero ou do maleável), ao que permanece e persiste, ao que é estável ou estático. Assim, são apresentados e analisados as *febres* e a *mãe*, os *lisos* e os *cativos*, o *trecho* e a *família*, *corridos* e *lidos*, o *movimento* e o *social*. O primeiro desses polos corresponde ao movimento, à instabilidade, e o segundo à estabilidade, ao duradouro.

As febres, apresentadas ao leitor no capítulo 1, invocam a imagem de algo que é ardente, intenso, apaixonante e efêmero. Assim foram as febres das barragens, da cassiterita, do ouro, do garimpo. O ponto fundamental, que o autor sugere, é o quão profícua é a categoria *febre* quando se compreende que ela remete a uma dinâmica “abstrata”, que não pertence a nenhum lugar e tempo específicos, ou antes, que pode aparecer e desaparecer em tempos e lugares distintos.

Por outro lado, existe a mãe, que possui a propriedade de unir, evitando a dispersão generalizada de pessoas e coisas pelo mundo. Por isso, desvenda o autor ao final do primeiro capítulo, a Sama – mineradora em torno da qual se estrutura espacialmente a cidade, é considerada a “mãe” de Minaçu. Embora tenha causado inúmeros danos a seus moradores e ex-funcionários, a Sama é capaz de “atrair” pessoas, veículos, *movimento* e dinheiro para a cidade, e também fazer com que não abandonem Minaçu, tal como as mães mantêm as famílias, não sem grande esforço.

Mas, se a fugacidade absoluta de uma vida em que tudo se esvai causa aflição, a “imobilidade compulsória” é algo que não se deseja. É no segundo capítulo que, recuperando outras análises sobre temáticas afins, Guedes examina as noções nativas de *escravidão* e *cativeiro*, as quais remetem a uma falta de horizontes, à impossibilidade de *evoluir*, *ir pra frente* ou melhorar de vida. Assim como da *febre*, é ressaltada a orientação “abstrata” da categoria *cativeiro*. São diversos os contextos em que se pode fazer presente o *cativeiro* e/ou a *escravidão*: em um canteiro de obras de uma usina hidrelétrica, no garimpo à beira dos rios, entre as moças que migram para a Europa para trabalharem como arrumadeiras ou prostitutas; o *cativeiro* e a *escravidão* podem desaparecer e retornar. E se o risco do *cativeiro* está sempre colocado para aqueles que se sacrificam nas andanças, há também os jovens lisos, que *rasgam no trecho*, partem sem demora, livres para aventurar por aí.

É preciso marcar ainda as diferentes velocidades envolvidas nos distintos modos de deslocar-se. *Partir*, *rodar*, *estar no mundo*, *no trecho*; *sair no liso*, *puxar carreta*, *andar a pé* (modo feminino e lento de deslocamento); locomover-se numa moto ou numa Hilux (modo essencialmente masculino e muito veloz).

No capítulo 3, Guedes dedica-se a elucidar os atributos que distinguem o *trecho* e a *família*. *Peão*, aquele que *roda o mundo*, o *trecho*, é um termo que pode designar genericamente alguém que não é *grande* ou importante, mas que também encobre conotações

outras. O *peão* tem o “seu” *tempo*, a *febre*, e também o seu espaço, o *trecho*. E tanto a febre quanto o trecho estão marcados pela instabilidade e pela agitação. A vida no *trecho* se configura por relações estruturadas a partir de princípios distintos do universo familiar. É no *trecho* que se pode experimentar o *mundo* em sua plenitude.

Guedes pontua ainda os enormes esforços feitos pelas mães para *dominar* o mundo e *criar* uma *família*. O autor contribui, assim, para a desconstrução sobre a noção cristalizada de família como algo “natural”. A divisão sexual de atributos referenciados nessa lógica também é destacada por Guedes, sendo a instabilidade e a efemeridade marcadamente masculinas, e a estabilidade uma característica feminina.

No quarto capítulo, a distinção entre os *corridos* e os *lidos* é desenvolvida pelo autor para evidenciar a complexidade das relações históricas, poderia-se dizer, entre o homem pobre (e *andado*) do interior e aquele escolarizado, “doutor”, urbano, das grandes cidades, do *Sul*, do exterior. Partindo da perspectiva dos *corridos*, Guedes se apropria da noção de regime de signos proposta por Deleuze e Guatarri para construir sua análise sobre os diferentes “regimes” que orientariam as maneiras de “correr” e “ler” dos *corridos* e dos *lidos*. Da ótica dos *corridos*, o *correr* ou *andar no mundo* só adquire seu pleno sentido na medida em que esses movimentos estejam ancorados às *provas* e aos *símbolos* (uma categoria nativa), quais sejam: saberes, histórias, ensinamentos. Guedes chama de “regime de símbolos” a expressão semiótica da *andança*, os princípios “metonímicos” que orientam a maneira como os *corridos* “leem” o mundo. Também os *lidos* possuem sua maneira de “correr”, relacionada, por sua vez, ao “regime dos papéis”. Portanto, a oposição entre *corridos* e *lidos* remete ao conflito existente entre as *provas* e os *símbolos*, por um lado, e os *papéis*, por outro.

O quinto capítulo é dedicado a pensar as transformações que ocorreram no MAB de Minaçu nos anos recentes. A tensão aí

explicitada e coloca entre o *movimento* e o *social*, cronologicamente nessa sequência, como focos distintos de atuação do MAB ao longo do tempo. No início, a atuação do *Movimento* consistiu em *andanças* e mobilizações na luta pelos direitos daqueles que foram afetados pela construção das barragens; com o passar dos anos, tendo arrefecido as mobilizações o *Movimento* passou a “durar” ou se “sustentar” como entidade centrada na *ação social*, como a distribuição de cestas básicas para as famílias cadastradas em sua secretaria.

Na conclusão, o autor retoma as polaridades construídas para reafirmar a tese central de que a mobilidade não se refere apenas a pessoas. Do ponto de vista dos seus interlocutores, a instabilidade e o movimento são atributos das coisas do *mundo*. Tudo e todos são pensados a partir de seus movimentos e das durações correlatas a eles. A tensão entre mobilidade e imobilidade ou entre estabilidade e instabilidade, tudo perpassa.

Talvez a contribuição mais fundamental do livro de Guedes possa ser localizada na proposta do autor em destrinchar não somente os movimentos e deslocamentos espaciais daqueles que moram e passam por Minaçu, mas, sobretudo, as formas pelas quais essas pessoas concebem a mobilidade.

ROBERTA BRANDÃO NOVAES – Doutoranda PPGSA/UFRJ.
<rb_novaes@yahoo.com.br>